

## Diálogos Midiológicos - 10

### Panorama dos estudos de Comunicação em Portugal

*José Manuel Paquete de Oliveira\* e Sonia Virgínia Moreira\*\**

#### Resumo

O desenvolvimento da pesquisa e a constituição dos primeiros cursos de Comunicação, bem como o surgimento de associações e de grupos de investigadores da área em Portugal, são alguns dos temas abordados nesta entrevista com o Prof. José Manuel Paquete de Oliveira, presidente da SOPCOM e presidente eleito (em 2002) da Lusocom para um mandato de dois anos à frente da entidade.

**Palavras-chave:** pesquisa em Comunicação, relações académicas Portugal-Brasil.

#### Resumen

El desarrollo de investigaciones de la Comunicación y la constitución de los primeros cursos, así como el surgimiento de asociaciones portuguesas y grupos de investigadores en Portugal, son algunos de los asuntos discutidos en esta entrevista con el Profesor José Manuel Paquete de Oliveira, presidente de la Asociación Portuguesa de Ciencias de la Comunicación y presidente electo (en 2002) de Lusocom por un mandato de dos años.

**Palabras-clave:** investigación de la Comunicación, relación académica Portugal-Brasil.

#### Abstract

The development of Communication research and the organization of the first courses in the area, as well as the appearance of Portuguese associations and groups of investigators in Portugal, are some of the subjects considered in this interview with Prof. José Manuel Paquete de Oliveira, president of the Portuguese Association of Communication Sciences and president elected (in 2002) of Lusocom for a two years mandate.

**Keywords:** Communication research, Portugal-Brazil academic relations.

---

\* José M. Paquete de Oliveira é docente do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação.

*E-mail: paquete.oliveira@iscte.pt*

\*\* Sonia Virgínia Moreira é jornalista, professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS-UERJ).

*E-mail: smoreira@uerj.br*

**Sonia V. Moreira** – *Para começarmos, professor José Manuel, o Sr. poderia apresentar de uma forma resumida o que é a SOPCOM?*

**José M. Paquete de Oliveira** – A SOPCOM, Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, foi fundada com um objetivo principal bem determinado: procurar reunir a comunidade científica na área das Ciências da Comunicação e criar condições para que o seu trabalho de estudo, reflexão e investigação nestes domínios pudesse ser valorizado e, sobretudo, ganhasse uma maior visibilidade na sociedade portuguesa e internacional, contribuindo para o seu “desenvolvimento sustentado”.

**Sonia V. Moreira** – *A criação da Associação coincide com o período em que os estudos portugueses na área de Comunicação tomam maior impulso?*

**José M. Paquete de Oliveira** – As Ciências da Comunicação em Portugal têm um surgimento tardio. Em especial devido às condições políticas de um regime ditatorial, o regime salazarista-marcelista (1936-1974) nunca esteve interessado no desenvolvimento de estudos ou formação de cursos relacionados com a comunicação pública e midiática. Esse sentimento foi de algum modo perpassado às autoridades da Academia portuguesa e o estudo organizado nos diferentes domínios daquilo que hoje se encobre no amplo campo das Ciências da Comunicação, praticamente só vai surgir a partir de 1978. Neste ano surgem os primeiros cursos de Comunicação Social na Universidade Nova de Lisboa, na Universidade Católica, na Universidade Técnica de Lisboa. Pautadas por este arranque despontam várias outras licenciaturas nos domínios abrangentes deste campo científico nas universidades, entretanto criadas no âmbito da “revolução” da Academia portuguesa, de que podem ser exemplo aquelas criadas na Universidade da Beira Interior (UBI – Covilhã), na Universidade do Minho (Braga) e em diferentes Institutos Politécnicos públicos ou universidades privadas. Na alvorada destes novos tempos, a preocupação, como é óbvio, era investir no ensino e na formação de quadros e profissionais. Um trabalho embrionário, algo desintegrado e muito “fechado” sobre os diferentes núcleos que o iniciavam. É no reconhecimento desta situação que surge a SOPCOM. Reconhecia-se que era preciso procurar um movimento, sinérgico e agregador, que criasse condições de associação entre os protagonistas e atores de um investimento já notável nesta área das ciências da comunicação e suscitasse meios de dar mais visibilidade e notoriedade aos resultados dos vários projetos.

**Sonia V. Moreira** – *Alguns eventos em especial colaboraram para essa organização em torno de uma associação?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Digamos que a primeira grande manifestação pública desse sentido aglutinador dos fundadores da SOPCOM foi a realização do I Congresso de Ciências da Comunicação em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, em março de 1999. Era um congresso nacional, mas com dimensão internacional, onde marcaram presença, entre outros, os nossos colegas brasileiros membros da Intercom José Marques de Melo, Maria Immacolata Vassalo de Lopes, Severino Lucena Filho, e de outros países, tais como Parés i Maicas, Daniel Dayan, Denis McQuail, Jean Pierre Meunier, Elihn Katz, Paul Beand, Daniel Bongnoux, Enrique Bustamante, Lucien Sfez. Este primeiro Congresso reuniu mais de seiscentos congressistas e nele foram apresentadas cerca de 160 comunicações, já publicadas e que, de algum modo, na sua diversidade temática e qualidade, constituem um “repositório ilustrativo” do trabalho de investigação, estudo e reflexão produzido por aqueles que formam a comunidade científica, em Portugal, neste domínio.

**Sonia V. Moreira** – *A partir dessa reunião de pesquisadores da área, com projeção nacional e internacional, é que a SOPCOM se constitui efetivamente?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Para além desta preocupação “congregadora” da SOPCOM em apresentar resultados visíveis do trabalho dos docentes e investigadores no plano nacional, na área das ciências da Comunicação a SOPCOM, desde a primeira hora, procurou concretizar uma rede de contatos com os estudiosos e investigadores de outros países, com particular atenção àqueles dispersos na cientificamente rica e entusiasmante comunidade da grande nação brasileira e aos nossos “irmãos” lusófonos espalhados nos países que formaram a lusofonia. Assim, a SOPCOM organizou ou tem estado ligada a vários encontros internacionais, entre os quais destacamos os Encontros Lusófonos de Lisboa/Portugal (1997), Sergipe/Brasil (1998), Braga/Portugal (1999), São Paulo/Brasil (2000).

**Sonia V. Moreira** – *Essa convivência, desde o início, com pesquisadores de outros países de língua portuguesa é uma característica importante da SOPCOM. Que entidades o Sr. destacaria como parte essencial do processo de formação e sedimentação da Associação?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Parceira especial, e principal “motor” para este cultivar de relações específicas e privilegiadas com a vasta comunidade brasileira tem sido a Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. As mútuas relações reciprocamente desenvolvidas, e apoiadas de modo solícito e empenhado pelas suas direções, têm produzido um salutar e produtivo intercâmbio, cujo resultado mais evidente tem sido o mútuo conhecimento dos investigadores de ambos os países, Brasil e Portugal, e o trabalho e iniciativas por estes realizados. É no âmbito deste relacionamento particularmente cultivado que surge a Lusocom, associação que numa primeira fase incidiu no desejo de reunir investigadores do Brasil e Portugal, mas hoje, como se atesta pelo Congresso realizado este ano de 2002 em Maputo, Moçambique, congrega investigadores e estudiosos no domínio das Ciências da Comunicação dispersos pelos vários países do espaço lusófono, particularmente Angola, Moçambique e Cabo Verde. Mas a SOPCOM pensa também na sua ligação a outros países. As relações com Espanha, e com todo o mundo ibero-americano, são igualmente um objetivo dos nossos programas. Assim, em maio de 2001, cooperamos ativamente na realização do I Congresso Ibérico realizado em Málaga, na Espanha, que contou com a presença de 70 investigadores portugueses e de mais de duas centenas de colegas espanhóis. Por outro lado, a presença a título individual, de nossos associados na ASSIBERCOM e na IBERCOM, significa exatamente o interesse com que nós portugueses vemos o culto da lusofonia e do mundo ibero-americano. Com o resto do mundo, as relações – embora talvez ainda tímidas – que a SOPCOM procura cativar com a IAMCR (International Association for Media Communication and Research) e com a ICA (International Communication Association, dos Estados Unidos), a AMIC (na Ásia) e a ALAIC (na América Latina) são demonstrativas do nosso desejo de vir a confirmar uma internacionalização, convencidos da ajuda recíproca e da imprescindibilidade necessárias para um enriquecimento mútuo da existência de uma “comunidade científica” em escala planetária.

**Sonia V. Moreira** – *Como o Sr. classifica a produção no campo da Comunicação hoje em Portugal?*

**José M. Paquete de Oliveira** – A produção atual na área da Comunicação em Portugal pode-se considerar, depois de uma fase de autêntica explosão (décadas de 1980 e 1990), num período de acreditação e próxima de atingir uma “maioridade” reconhecida. O período de explosão corresponde

àquele a que Mário Mesquita denominou de “milagre da multiplicação dos cursos”, com a criação de cerca de 40 cursos no domínio abrangente das Ciências da Comunicação nas mais diversas faculdades e institutos – públicos e privados – de ensino superior. E essa mesma “explosão” coincidiu, ou foi a reboque, com a “explosão” da mídia e do mercado publicitário nos anos 1980, o período da 2ª industrialização, em Portugal, deste setor. O fascínio encantador desta nova profissão de jornalista, num Portugal democrático, livre e plural, contribuiu para esse “milagre”. Fatores de várias ordens concorreram para a virada do país e do espectro da Comunicação, entre os quais são importantes destacar: um efetivo desenvolvimento do país; uma melhoria das condições econômicas, sociais e culturais de grande parte da população; a adesão de Portugal à União Européia; a abertura à exploração de televisões privadas/comerciais em 1992, com um novo quadro jurídico-legal; uma forte competitividade na concorrência nacional e estrangeira no mercado de *marketing* e publicidade.

**Sonia V. Moreira** – *Tais condições influenciaram o ensino de Comunicação em Portugal, ao incentivar a criação de cursos e, ao mesmo tempo, chamar a atenção para as peculiaridades do ensino nessa área. Com isso a produção científica ganhou mais espaço?*

**José M. Paquete de Oliveira** – A nova configuração do ensino e da formação neste campo veio transformar a situação. Ao número crescente de licenciados corresponde o aumento de teses de licenciatura e, progressivamente, de teses de mestrado e de doutorado. Isso representa um investimento representativo na preparação de recursos humanos e na produção de estudo e investigação nestes domínios. É pena que grande parte permaneça no “silêncio” das bibliotecas ou dos depósitos escolares. O programa de financiamento à edição de obras na área de Ciências da Comunicação, instituído em 1999 pelo Secretário de Estado que tutela o setor, veio provocar uma maior divulgação. Ao pioneirismo da revista *Comunicação & Linguagens*, editada pelo Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens da Universidade Nova de Lisboa veio depois juntar-se *Comunicação e Sociedade, Cadernos do Noroeste*, do ICS da Universidade do Minho, a revista *Caleidoscópio*, da Universidade Lusófona e, agora, as mais recentes, *Trajectos* do ISCTE, e *Media e Jornalismo*, do Centro de Investigação Media e Jornalismo. É importante registrar também a atenção que diversas editoras ultimamente estão dedicando a este domínio científico, com coleções

específicas, tais como a Presença, a Minerva, a Editorial Notícias, a Terramar, a Bizâncio, as edições Piaget, a Celta. O financiamento à investigação por parte da Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência também tem contribuído para uma maior credibilidade na hierarquização e importância da investigação nesta área. Eu diria que, hoje, basta consultar as “Atas” dos dois Congressos da SOPCOM (1999 e 2001) para obter uma imagem muito positiva e qualificada da produção dos investigadores portugueses nesta área de Ciências da Comunicação.

**Sonia V. Moreira** – *Levando em consideração esse novo momento da pesquisa e da produção científica em Portugal, como se organizam os cursos voltados para a formação na área de Comunicação?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Como mencionei antes, existe hoje, talvez até devido à dimensão do país, uma pulverização dos cursos superiores (bacharelato e licenciatura). Pelo “Estatuto da Carreira Docente”, em vigor no sistema de ensino superior e pelas regras do sistema de avaliação correspondente, a investigação deve fazer parte da atividade docente. Ou seja, o sistema concebe que “o docente de ensino superior é o investigador que ensina”. Todavia, a ocupação quase plena da distribuição do serviço (carga horária) pelas atividades de ensino prejudica de alguma maneira e, em muitos casos, inviabiliza uma produção mais coerente e de maior rentabilidade. Por outro lado, sob o ponto de vista operativo, as formas organizativas são díspares, consoante as diferentes práticas nas diversas instituições. A forma organizativa mais corrente é a constituição de centros de investigação, integrados nas próprias instituições ou constituídos em cooperativas ou associações, nos termos jurídicos da legislação portuguesa.

**Sonia V. Moreira** – *De que modo esse contexto influencia a produção de dissertações de mestrado ou teses de doutorado em áreas como jornalismo, relações públicas, teorias da comunicação, etc.? Há como identificar em Portugal centros de excelência no campo das Ciências da Comunicação?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Com este “pano de fundo” é correto afirmar que os campos de investigação, a que se refere na sua pergunta, são objeto de pesquisa quer em teses de mestrado, quer em teses de doutorado e ainda em projetos de investigação. Embora cometendo alguma injustiça relativa, pois seria exaustiva e sem espaço aqui uma lista completa, julgo poder afirmar que os centros ou grupos de investigadores associados

às revistas, citadas antes, são simultaneamente as unidades mais produtivas de pesquisa nesses domínios. Acrescento ainda na área das novas tecnologias a UBI (Universidade da Beira Interior), o ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas) e a Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa.

**Sonia V. Moreira** – *Como o Sr. caracteriza o processo de intercâmbio entre os pesquisadores portugueses e brasileiros?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Graças aos primeiros encontros luso-brasileiros – e depois mais extensivamente lusófonos, que vieram dar origem à Lusocom, hoje cada vez mais orientada para constituir-se em Federação Lusófona das Ciências da Comunicação, como ficou claro em Maputo no encontro deste ano – existem condições para haver uma aposta clara no intercâmbio em vários níveis (docentes, investigadores, alunos), com o objetivo de trocar competências e experiências e desenvolver pesquisas comuns. Por razões históricas e políticas – e sem as fraturas que em relação aos restantes países lusófonos um passado recente atrasou – o intercâmbio com o Brasil tem sido maior. Cometendo, de novo, o “crime” de algumas omissões, julgo, porém, de toda a justiça mencionar os nomes de José Marques de Melo, Círcia Peruzzo e Maria Immacolata Lopes, do lado brasileiro, e os de Aníbal Alves, José Bragança de Miranda e Moisés Martins, do lado português. Os encontros de Lisboa e Braga, de Sergipe e São Vicente foram decisivos para marcar este relacionamento. São incontestáveis, e absolutamente reconhecidos em Portugal, a pujança, o ritmo e a qualidade da produção científica e do nível universitário no nosso país irmão, o Brasil. Este intercâmbio tem condições genéticas e de raiz histórica e cultural comum. Julgo que, para além de congressos e encontros, importa desenvolver programas de pesquisas conjuntas sobre problemáticas e interesses que dizem respeito aos dois países, com responsabilidades para produzir conhecimento em domínios científicos tão importantes. Falta, talvez, encontrar patrocinadores e fontes de financiamento, públicos ou privados, por ambas as partes.

**Sonia V. Moreira** – *A situação é diferente em relação ao intercâmbio entre os pesquisadores portugueses e os africanos de língua portuguesa?*

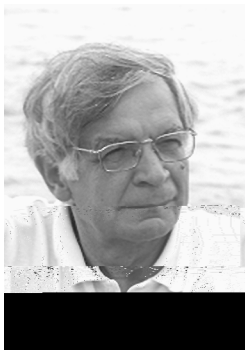
**José M. Paquete de Oliveira** – De alguma maneira, respondi em parte a esta questão na pergunta anterior. Os países africanos do espaço da lusofonia viveram com Portugal uma história mais recente e diferente.

Porém, um dos resultados mais positivos da reunião de Maputo, em Moçambique, foi a verificação de que estão ultrapassadas certas dificuldades, mais do que compreensivas. A escolha de um presidente português para a direção da Lusocom é uma manifestação de confiança de que, ao menos aqui, nas Ciências da Comunicação, o futuro pode construir-se conjuntamente.

**Sonia V. Moreira** – *Podemos concluir então que é boa a perspectiva de aprofundamento nas trocas de experiência e de conhecimento entre os pesquisadores do campo da Comunicação nos países de língua portuguesa?*

**José M. Paquete de Oliveira** – Creio ser detectável uma tendência de interesses comuns, nos diferentes níveis regional, nacional e internacional, consoante com as problemáticas das regiões, dos países ou do mundo, mas atravessadas pelas mesmas preocupações, vendo que o mundo é cada vez mais um “lugar único” e cada lugar é cada vez mais um “mundo específico”. A mediação face às novas tecnologias da informação nem por isso tem facilitado a comunicação entre as pessoas e os povos. Numa sociedade cheia de contradições, em que a abundância da informação não aumenta a intercomunicação individual ou coletiva, no nosso lugar ou no nosso mundo, as problemáticas que as nossas investigações terão de ajudar a compreender e resolver talvez não sejam muito diferentes. A informação terá de reconquistar o caminho da comunicação.





## Quem é José Manuel Paquete de Oliveira

José Manuel Paquete de Oliveira, presidente da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e presidente eleito da Lusocom, nasceu no Funchal, Ilha da Madeira, em 20 de outubro de 1936. Sua formação acadêmica inclui o doutorado em Sociologia (1989) pela Universidade Técnica de Lisboa e a licenciatura em Sociologia (1973) pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Gregoriana de Roma.

Entre as suas atividades acadêmicas destacam-se: o exercício de docência na área de Sociologia da Comunicação, na Licenciatura em Sociologia no ISCTE; a coordenação científica de projetos de pesquisa de âmbito nacional e europeu; a fundação da revista do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE, *Sociologia – Problemas e Práticas*, da qual foi diretor entre 1986 e 1989; a coordenação científica do Curso de Mestrado do Departamento de Sociologia do ISCTE e a participação como membro do Conselho Consultivo da Comissão Nacional da UNESCO desde 1999.

Como produções científicas podem ser citados a tese *Formas de “Censura Oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril (1974-1987)*, vol I e II, (Lisboa, ISCTE, 1988) e os capítulos de livro “Nem sempre o que luz é ouro”, no volume *Media, Jornalistas e Democracia* (Lisboa, Presença, 2002), e “Risk and Behaviour”, em parceria com Alan Quimby, segundo capítulo do *Relatório SARTRE II - Social Attitudes to Road Traffic Risk in Europe* (União Européia, DG VII, 1998). Também publicou os artigos *A (In)disciplina das Ciências da Comunicação*, na revista *Trajectos* (2002) e “A Comunicação Social e os Tribunais: do Silêncio ao Rumor”, em *Subjudice – Justiça e Sociedade* nº15/16, novembro de 2000.

O professor Paquete de Oliveira participou de vários projetos de investigação científica internacionais, tais como: colaborador do projeto *The Global Public Arena, the Media and the Information Society* (UNESCO, 2000-2002); investigador responsável pelo projeto *A Sociedade de Informação em Análise – Internet, Interfaces do Social*, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (PRAXIS XXI/1997-1999), e coordenador em Portugal do Projeto Intercomunitário “O Mercado de Serviços Eletrônicos de Informação em Portugal”, parte do *Study on Assessing the Situation of the Markets of Electronic Information Services in the European Area* (Comissão Européia, 1998-1999).